

FACULDADES INTEGRADAS FAFIBE  
CURSO DE PSICOLOGIA

FRANCISCO ERIVALDO VIDAL

A INTELIGENCIA NA VISÃO PSICANALÍTICA.

BEBEDOURO  
2009

FRANCISCO ERIVALDO VIDAL

A INTELIGENCIA NA VISÃO PSICANALÍTICA.

Trabalho de Conclusão do  
Curso de Psicologia  
apresentado às Faculdades  
Integradas Fafibe, sob a  
orientação da Professora Dr<sup>a</sup>.  
Débora de Lourdes Ferro  
Pellegrini Paro, para obtenção  
do título de Psicólogo.

BEBEDOURO

2009

Vidal, Francisco Erivaldo.

A inteligência na visão psicanalítica. / Francisco Erivaldo Vidal. – Bebedouro: Fafibe, 2009.

36 f.: il.; 29,7 cm

Trabalho de conclusão do Curso de Psicologia –  
Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro, 2009.

Bibliografia: f. 37-38

1. Psicologia. 2. Inteligência. I. Título.

FRANCISCO ERIVALDO VIDAL.

TÍTULO: A INTELIGENCIA NA VISÃO PSICANALÍTICA.

Trabalho de Conclusão do  
Curso de Psicologia  
apresentado às Faculdades  
Integradas para obtenção  
do título de Psicólogo.

Banca examinadora

---

Débora de Lourdes F. P. Paro – Doutora – Faculdades Integradas Fafibe.

---

Laura Vilela e Souza - Doutora – Faculdades Integradas Fafibe.

Bebedouro, 24 de Novembro de 2009.

Dedico este trabalho primeiramente à Deus, pois sem Ele seria impossível até mesmo existir, quanto mais produzir algo.

Dedico também à Ana Maria, mulher de minha vida, pois sempre foi uma incentivadora incansável. Aquela que me incentivou em todos os momentos difíceis, nos quais, por vezes, me parecia impossível transpô-los. Como uma estrela a brilhar no horizonte de minha alma, como a lua que esparge sua tênue luz nos campos de trigo ela trouxe e trará luz a minha vida.

E aos filhos e filhas, os quais amo e também me incentivaram, isto me ajudou a acreditar um pouco mais na minha capacidade.

## AGRADECIMENTOS.

Quando realizamos algum trabalho sempre somos abençoados pela contribuição de muitos. E a todos aqueles que tornaram possível este trabalho vir a lume, presto meus agradecimentos sinceros.

À professora Dr<sup>a</sup> Débora de Lourdes Ferro Pellegrini Paro, minha orientadora, que com competência conduziu a gestação e nascimento deste trabalho, e possibilitou meu crescimento enquanto profissional, meus sinceros agradecimentos.

Às professoras e professores, que com afincos disponibilizaram seus conhecimentos e tempo, para nos ajudarem a palmilhar o árduo caminho da Psicologia.

Aos colegas de turma que me deram o privilégio de compartilhar, durante estes cinco anos, de parte de suas vidas e vivenciar com eles, momentos que marcaram, de forma indelével, meu caminhar.

Aos bibliotecários (as) na pessoa de Marisa Aparecida Graziadei de Carvalho, pela competência, pela paciência, pela ajuda, por sua afabilidade, que me fazem acreditar um pouco mais nos seres humanos.

“E, se alguém cuida saber  
alguma coisa, ainda não  
sabe como convém saber”  
(1ºCORÍNTIOS, 1998, p.  
1747).

## RESUMO.

Neste trabalho procura-se abordar, historicamente, o conceito inteligência. Ao mesmo tempo, estabelecer uma relação entre a personalidade do indivíduo e sua capacidade para soluções de problemas, tendo como base os pressupostos psicanalíticos de Freud, Melanie Klein e de Wilfred Bion. Levanta-se também a seguinte hipótese: em casos de Retardo mental de nível leve, onde raramente é encontrada etiologia orgânica; a psicanálise pode explicar a presença do comprometimento nas funções cognitivas de um indivíduo? E sabendo que sempre é difícil falar em conclusão, na visão psicanalítica; pensamos que a incapacidade ou a capacidade “intelectual” do indivíduo em lidar com objetos internos e externos, tem sua etiologia na relação deste com o meio no qual vive, isto inclui a sua capacidade psíquica de suportar as ansiedades e as perdas e inclui também a continência dada pela mãe, a estas ansiedades. O prejuízo intelectual do indivíduo, deriva, pois, da presença de um ego fragilizado construído na relação mãe/bebê, principalmente, no início da vida.

Palavras chave: Inteligência, Retardo mental, Psicanálise.

## RESUMEM

En este artículo nos ocupamos, históricamente, el concepto de inteligencia. Al mismo tiempo, establecer una relación entre la personalidad del individuo y su capacidad para resolver problemas, basado en la hipótesis psicoanalítica de Freud, Melanie Klein y Wilfred Bion. También se plantea la siguiente hipótesis: en los casos de retraso mental a nivel leve, que rara vez se encuentra etiología orgánica, ¿el psicoanálisis puede explicar la presencia de deterioro cognitivo en una persona? Y sabiendo que siempre es difícil hablar en conclusión, la visión psicoanalítica, pensamos que la incapacidad o capacidad "intelectual" de una persona en el trato con los objetos internos y externos, tiene su etiología en relación con el entorno en que vive, esto incluye su capacidad de soportar la angustia psicológica y las pérdidas, y también incluye un homenaje dado por la madre, estas ansiedades. O deterioro intelectual del individuo, la deriva, por lo tanto, la presencia de un ego frágil, construido en la relación madre/bebé especialmente al comienzo de la vida.

**Palabras clave:** inteligencia, Retraso mental el psicoanálisis.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Esquema de funcionamento do aparelho mental.....	18
Figura 2- Esquema de funcionamento do aparelho mental.....	19
Figura 3- Esquema de funcionamento do aparelho mental.....	19
Figura 4- Esquema do inconsciente.....	20

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O CONCEITO INTELIGÊNCIA.....	12
3 ALGUNS PONTOS DA TEORIA PSICANALÍTICA.....	18
3.1 <b>Freud</b> .....	18
3.1.1 <u>Primeira tópica</u> .....	18
3.1.1.1 <i>O inconsciente</i> .....	20
3.1.1.2 <i>O consciente</i> .....	21
3.1.1.2.1 <i>O pré-consciente</i> .....	21
3.1.2 <u>Segunda tópica</u> .....	21
3.1.2.1 <i>Ego</i> .....	22
3.1.2.2 <i>Id</i> .....	22
3.1.2.3 <i>Superego</i> .....	23
3.2 <b>Melanie Klein</b> .....	23
3.2.1 <u>A posição Esquizo – Paranóide</u> .....	25
3.2.2 <u>A posição depressiva</u> .....	26
3.2.3 <u>Simbolização</u> .....	26
3.3 <b>Bion</b> .....	27
3.3.1 <u>O pensamento</u> .....	27
3.3.2 <u>O conhecimento</u> .....	29
3.3.2.1 <i>Origem do conhecimento</i> .....	29
3.3.3 <u>Vínculos</u> .....	30
3.3.4 <u>Formação de símbolos</u> .....	30
4. CONTEXTUALIZAÇÃO.....	32
5 (IN) CONCLUSÃO .....	36
6 REFERÊNCIAS.....	37

## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho procura-se abordar, historicamente, o conceito inteligência. Ao mesmo tempo, estabelecer uma relação entre a personalidade do indivíduo e sua capacidade para soluções de problemas, tendo como base os pressupostos psicanalíticos de Freud, Melanie Klein e de Wilfred Bion.

Sordi (2005) relata que a inteligência pode ser definida como a capacidade de adaptação do indivíduo ao meio, que se constitui das seguintes dimensões, física, social, simbólico e histórico-cultural.

Partindo deste pressuposto e associando ao que diz Sanches (2008) em sua tese de mestrado; intitulada “Clínica psicanalítica: a debilidade mental”.

Com exames cada vez mais avançados que passaram a detectar os mais longínquos resquícios orgânicos, a psiquiatria foi aos poucos retirando suas fichas da aposta no déficit orgânico. A origem orgânica do grau mais leve de retardo mental (a debilidade) foi colocada em xeque, a partir do momento em que os exames não encontraram a ‘famosa’ deficiência orgânica que deveria estar presente ocasionando a debilidade. Neste contexto, a psiquiatria se viu numa enorme incógnita.... a história da psiquiatria sempre distinguiu as doenças mentais de origem orgânicas das de origem não orgânicas, no entanto, todo o conhecimento sobre o sempre enquadre orgânico feito para a debilidade passou a ser fortemente contestado pelo próprio avanço tecnológico da medicina (SANCHES, 2008, p.42).

Dalgalarrondo (2000) também relata a ausência de dados que comprovem a presença de distúrbios orgânicos, notadamente, na debilidade mental leve.

Retardo mental leve, também conhecido como Oligofrenia Leve ou Debilidade Mental: Os indivíduos que apresentam este grau de retardo revelam nos testes de inteligência um QI na faixa de 50 a 69. A idade mental do adulto corresponde a uma criança de cerca de 9 a 12 anos. Uma etiologia orgânica raramente é encontrada. Este é o grupo mais freqüente de pessoas com retardo mental, compreendendo cerca de 85% de todos os casos de indivíduos com retardo mental (DALGALARRONDO, 2000, p. 175).

Na Classificação Estatística Internacional de Doenças (CID 10) onde vemos que o Retardo mental <sup>1</sup>é:

... uma condição de desenvolvimento interrompido ou incompleto da mente, a qual é especificamente caracterizada por comprometimento de habilidades manifestadas durante o período de desenvolvimento, as quais contribuem para o nível global de inteligência, isto é, aptidões cognitivas de linguagem, motoras e sociais (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2007 p. 221).

Com base nestes textos levanta-se a seguinte hipótese: se 85% de todos os casos de Retardo mental são de nível leve, e neste nível raramente é encontrada etiologia orgânica; o que explicaria a presença deste comprometimento nas funções cognitivas de um indivíduo?

Faremos o seguinte percurso na tentativa de explicar o fenômeno apresentado como deficiência da inteligência, que não tenha etiologia orgânica.

No capítulo um abordaremos a historicidade do conceito de inteligência e algumas teorias que tratam sobre a inteligência.

No capítulo dois será realizada uma pesquisa sobre as teorias psicanalíticas de Freud, Melanie Klein e de Wilfred Bion, abordando os conceitos destes autores, que serão comentados no capítulo três, onde procuraremos fazer uma relação destas três teorias psicanalíticas com o desenvolvimento da personalidade do ser humano.

E finalmente tentaremos demonstrar que a capacidade do ser humano de solucionar problemas e, de adaptar-se à realidade, tem sua origem na estruturação egóica do indivíduo.

---

<sup>1</sup> Segundo Sanches (2008, p.41) o termo Retardo mental está sendo substituído por Oligofrenia.

## 2 O CONCEITO INTELIGÊNCIA

A natureza da inteligência tem despertado grande interesse da Psicologia. Interesse este que possivelmente esteja relacionado com a idéia de que a inteligência esteja na base do sucesso das pessoas em diferentes ramos de atividades.

Ao perguntarmos às pessoas leigas, o que é inteligência; elas nos dão muitas características deste fenômeno, e nos transmitem uma convicção de que existe um significado universal para inteligência. Já os pesquisadores não se mostram tão seguros quanto à definição do fenômeno inteligência (ROAZZI; SOUZA, 2002).

A inteligência é discutida desde a época dos filósofos pré-socráticos, que procuravam explicá-la com diversas definições.

Heráclito pensava o homem como uma dicotomia formada pelo corpo e por uma alma universal que penetrava no indivíduo através da respiração tornando-o racional. Parmênides pensava o homem também como uma dicotomia, mas com elementos diferentes, que se constitui pelo corpo, saído da terra, e uma alma composta de calor e frio (MUELLER, 2001).

Em Pitágoras, a idéia dicotômica permanece, propondo uma alma imortal contida num corpo mortal, e sendo portadora do intelecto. Já Platão, criou a teoria que dizia existir diferenças entre indivíduos que possuíam 3 (três) tipos de inteligência, ou estados mentais, que estavam relacionadas à camada social a qual pertencia o indivíduo: a alma apaixonada, a alma corajosa e o pensamento. A alma apaixonada era capaz de utilizar a reflexão e a memória, e era a característica dos indivíduos de classe média. A alma corajosa, capaz de lidar com os fenômenos físicos e era característica dos militares. Acima destes dois tipos de inteligência estava o pensamento, ou alma racional, que era a capacidade de abstração, característica dos reis e filósofos (DA SILVA, 2003).

Ainda segundo Da Silva (2003), atualmente existem duas concepções de inteligência que vêm sendo estudadas, a inteligência acadêmica e a inteligência prática/cotidiana de leigos e especialistas. Através de uma análise a partir de juízos quantitativos, exarados por pessoas leigas; utilizados para determinar o que torna uma pessoa inteligente, aparecem os seguintes fatores: solução de problemas práticos, habilidades verbal e competência social. O fator solução de problemas

práticos está relacionado ao raciocínio lógico, a capacidade de identificar conexões entre idéias bem como conseguir ver um problema em sua totalidade. O fator habilidades verbal relaciona-se à capacidade de falar fluente e claramente, ou seja, entabular conversações. O fator competência social possibilita a aceitação do outro em suas especificidades, demonstrando com isto, interesse ao meio em que está inserido, bem como aceitar os próprios erros.

Já os especialistas, em um simpósio no ano de 1921, apresentaram duas características comuns à inteligência: a habilidade para se adaptar ao ambiente e a habilidade para aprender. Embora tenham surgido outras definições voltadas à testagem ou à mensuração da inteligência. Posteriormente em outro simpósio, realizado 65 anos após, permanecem essas mesmas características, contudo se enfatizou a metacognição, ou seja, a habilidade para entender e controlar a si mesmo.

Por volta de 1923 Boring, segundo Da Silva (2003), escreve que a inteligência é algo que pode ser medido através de testes. Tal concepção gera controvérsias, pois impede que se defina a inteligência, por não haver clareza sobre o que realmente se mede e por não se intercorrelacionarem. Os testes limitam à inteligência a aquilo que é medido, e, por conseguinte a sua definição.

Já Butcher (1981) relata que, no início do século XX, o conceito inteligência era tido, pelos psicólogos, de grande utilidade e por isto muito pesquisado. E que neste período Karl Pearson deu início ao estudo da técnica de análise fatorial, que foi posteriormente desenvolvida por Spearman, demonstrando através de provas estatísticas a existência de uma capacidade geral, ou inteligência. E que quase paralelamente, Binet, na França, cria a primeira escala que atendia, satisfatoriamente, os parâmetros necessários para o estabelecimento de diferenças de inteligência.

Enquanto isto Burt, em 1909, demonstrava que utilizando testes padronizados, inúmeras crianças tidas como portadoras de deficiências, estavam dentro dos parâmetros descritos como normais em inteligência demonstrando que o que tinha ocorrido, na verdade, era um atraso no desenvolvimento. Diz mais, que por volta da década de 80, começa a ser pesquisada a distinção entre o pensamento convergente e o pensamento divergente, sendo o primeiro reconhecido como

inteligência e o segundo como criatividade, principalmente nos Estados Unidos da América

Butcher (1981) diz que ao ler Burt, (1955a, 1955b) percebeu que ele fez uma descrição minuciosa de como o conceito inteligência tornou-se um construto científico importante e também utilizado por leigos. E que, ele, Burt (1955) escreve que na sua infância, a palavra inteligência era pouquíssimo usada e que nunca ouvira seus pais ou professores se referirem a alguém chamando - o de inteligente. Butcher (1981) também aborda o que disseram; o filósofo Herbert Spencer e o antropólogo Francis Galton. Estes dois introduziram o conceito inteligência, no século XIX, sendo que o uso do termo se deu posteriormente.

Ainda segundo Butcher (1981), Spencer e Galton descreviam a existência de uma capacidade geral e capacidades específicas, sendo que a capacidade geral era superior as demais capacidades específicas, bem como distintas delas. Estas idéias foram bem aceitas e ampliadas por destacados neurologistas, entre os quais se destaca Hughlings Jackson.

Jackson descrevia a estrutura mental como sendo subdividida em níveis funcionais, e hierárquicos, constituídos através da evolução filogenética humana. Os níveis superiores estão relacionados à vontade, com funcionamento menos organizado, e os níveis inferiores ao funcionamento automático e mais organizado. Segundo Jackson, as funções cerebrais, na presença de patologias, regridem para níveis hierarquicamente inferiores, menos afetados pela vontade e mais organizados. Este modo de funcionamento da mente foi denominado, por ele, de dissolução (CAMPOS; WINOGRAD 2005).

Em outra definição Pinto (2005) diz que a inteligência é definida como processos subjetivos, da alma humana, e que através do pensamento confere significado cognitivo aos objetos e as experiências vivenciadas.

Roazzi e Souza (2002) ao analisarem os pressupostos epistemológicos das abordagens psicométrica e cognitiva, sobre o construto inteligência, afirmam que a psicometria, abordagem que tem como objeto de estudo a medida do desempenho intelectual, entende que a inteligência é uma habilidade mental inata, fixa, abstrata e geral. E que através da aplicação de testes é possível aferir o grau de intensidade deste construto. Com base em dados obtidos, com a aplicação de teste, é possível

perceber a presença de uma forte correlação entre as aptidões específicas, medidas pelos subitens do teste.

Segundo os autores através de uma análise fatorial é possível demonstrar estatisticamente, que todas as habilidades específicas estão associadas a um fator geral. Nesta abordagem é dito que esta energia permeia todos os indivíduos, em maior ou menor grau e que é estanque, em relação ao meio ambiente, ao conteúdo, a experiência, a educação e aos valores sociais. Citam ainda uma afirmação de Spearman que corrobora este entendimento: “Exatamente como ocorre na física, toda a atividade mental consiste de manifestações em contínua variação de uma única coisa a qual pode ser dado o nome de energia” (SPEARMAN, 1927, apud ROAZZI; SOUZA 2002).

Segundo Gama (1998), Howard Gardner insatisfeito com o entendimento do conceito de inteligência como uma capacidade inata, geral e única, criou como alternativa deste, a Teoria das inteligências múltiplas. A insatisfação de Gardner com a idéia de uma inteligência única, focalizada nas habilidades voltadas para aprendizagem, o levou a redefinição do conceito inteligência baseando-se em pressupostos biológicos, ou seja, na habilidade biológica do indivíduo de solucionar problemas. Através da Teoria das inteligências múltiplas é possível perceber que o indivíduo tem uma amplitude quantitativa maior ou menor, de desempenho, em todas as áreas em que atua.

Gama (1998) escreve que a Teoria das inteligências múltiplas de Gardner incluiu: as inteligências lingüística, lógico-matemática, espacial, musical, cinestésica, interpessoal e intrapessoal.

A Inteligência lingüística se compõe da sensibilidade para os sons, ritmos e significados das palavras, e das diferentes funções da linguagem. Esta inteligência possibilita a utilização da linguagem para o convencimento, para agradar, estimular ou para transmissão de idéias, é utilizada pelos poetas. Quanto em relação às crianças, podemos perceber esta habilidade nas histórias originais e criativas criadas por elas ou no relato preciso das experiências vivenciadas.

A Inteligência musical pode ser percebida através da capacidade do indivíduo para a composição, reprodução apreciação, de peças musicais. Bem como a capacidade de discriminar sons, e ter sensibilidade para construir ritmos, e timbres, assim sendo, é capaz da produção ou reprodução de peças musicais.

Inteligência lógico-matemática é composta pela sensibilidade a padrões, ordem e sistematização. É a capacidade exploratória e experimental, através de manipulações objetivas ou simbólicas, das relações, categorias e padrões; facilidade para raciocinar, reconhecer problemas e resolvê-los. Característica de indivíduos voltados a matemática e a ciência. Mas diferentemente daqueles indivíduos que se voltam para ciência, pretendendo explicar a natureza, os matemáticos procuram estabelecer um mundo abstrato e consistente.

A Inteligência espacial é a capacidade de perceber, com precisão, o mundo visual e espacial. Podendo assim manipular, mentalmente, formas ou objetos; e a partir desta percepção elaborar uma representação visual ou espacial, de forma equilibrada. Os artistas plásticos, os engenheiros e os arquitetos, se utilizam deste tipo de inteligência.

A Inteligência cinestésica é a capacidade de controlar, coordenação grossa ou fina, os movimentos do corpo nos esportes, nas artes cênicas ou nas artes plásticas ou manipular objetos com desenvoltura.

A Inteligência interpessoal é descrita como a capacidade de entender e responder assertivamente a outras pessoas. É uma característica dos profissionais psicoterapeutas, professores, políticos e vendedores de sucesso.

A Inteligência intrapessoal é o correspondente interno da inteligência interpessoal. É a capacidade de perceber seus próprios sentimentos, sonhos e idéias, e saber utilizá-los nas soluções de problemas pessoais. Este tipo de inteligência possibilita ao indivíduo a percepção, clara, de sua imagem.

Segundo Roazzi e Souza (2002), na abordagem cognitiva temos os elementos estruturais, esquemas lógicos e processos de funcionamento da atividade mental, que possibilitam uma visão sistêmica da inteligência, bem como a sua estrutura e dinâmica. A abordagem cognitiva é constituída de diversas escolas, as quais descrevem as três mais importantes que são: Processamento da informação, Desenvolvimento e Lógica mental. O processamento da informação trabalha as informações que possibilitam a resolução dos problemas. O desenvolvimento se fundamenta na dinâmica evolutiva das estruturas, nos esquemas e nos processos mentais, do indivíduo, sendo a pesquisa realizada de forma longitudinal. A lógica mental entende que a inteligência humana, em suas operações básicas, se faz

presente em todos os seres humanos, e que a combinação destas operações básicas são os processos mentais.

Podemos perceber, pelos textos acima citados, que o conceito de inteligência é explicado por diversas teorias. Neste trabalho nos propomos abordar este conceito à luz da teoria psicanalítica.

### 3 ALGUNS PONTOS DA TEORIA PSICANALÍTICA

#### 3.1 Freud

Como toda teoria psicanalítica tem como base os pressupostos freudianos, serão abordados, ao introduzir a teoria de Klein e de Bion, alguns destes pressupostos.

Freud, segundo Reis (1984), ao pensar a personalidade, se utiliza de um modelo psicológico que é conhecido como a primeira tópica, e depois desenvolveu outro modelo que é conhecido como a segunda tópica.

##### 3.1.1 Primeira tópica.

Para Freud, na primeira tópica, a personalidade é constituída por três instâncias: inconsciente, pré-consciente e consciente; e por três sistemas; perceptivo (P), motor (M) e sistemas S. A atividade psíquica, proveniente dos estímulos externos e/ou internos (E), percorre o aparelho psíquico do sistema P para o sistema M, através dos sistemas S, como demonstrado na figura 1.



FIGURA 1 - Esquema de funcionamento do aparelho mental.  
Fonte: REIS, 1984, p.9

Freud formulou a existência dos sistemas S pelo fato de o sistema P não ter condições de ser responsável pela função receptadora dos estímulos e ao mesmo tempo ter a função de armazenar; o sistema P deve estar sempre livre para receber novos estímulos. Conforme figura 2.

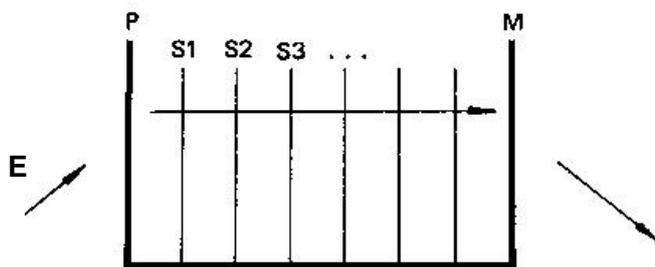


FIGURA 2- Esquema de funcionamento do aparelho mental.  
Fonte: REIS, 1984, p.10.

Os sistemas S são constituídos por traços mnêmicos que são formados pelas excitações recebidas pelo aparelho psíquico. A função do primeiro sistema S é organizar e armazenar os traços mnêmicos que possuem simultaneidade. Os demais sistemas têm a função de organizar e armazenar traços mnêmicos que possuam similitude.

Estes traços mnêmicos, formados em nossa fase de desenvolvimento, fazem parte de nossa personalidade. Quando na fase adulta, são impedidos de serem continuados, pois sendo recalcados, ficam inconscientes ao indivíduo, porém ativos. Como visto na figura 3.

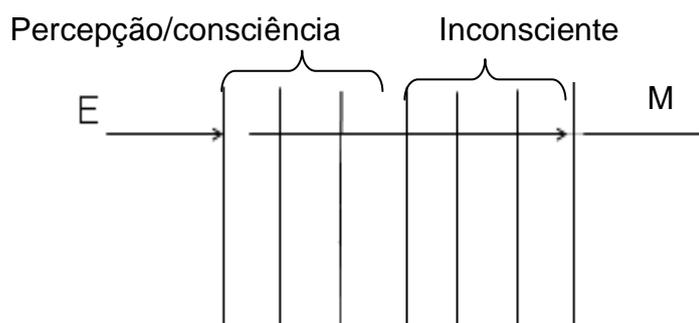


FIGURA 3 - Esquema de funcionamento do aparelho mental.  
Fonte: REIS, 1984, p.11

Para Freud, o pré-consciente é o responsável pela repressão, é como uma barreira que se interpõe entre o reprimido e a consciência (REIS, 1984).

### 3.1.1.1 O inconsciente.

Reis (1984) diz que o inconsciente, para Freud, é um “território” que tem suas leis e dinâmicas próprias de funcionamento, e segundo ele é o moto da personalidade. Seu conteúdo é formado pelos traços mnêmicos e das profantasias filogenéticas, e continuam ativos, mesmo quando passam a consciência. Entre os conteúdos do inconsciente não existe inter-relação nem contradição. Em relação à realidade o inconsciente a ignora, bem como não existem a negação nem a dúvida. Outro conceito que não existe dentro deste território é a temporalidade.

Podemos perceber os esquemas de funcionamento do inconsciente, na figura abaixo.

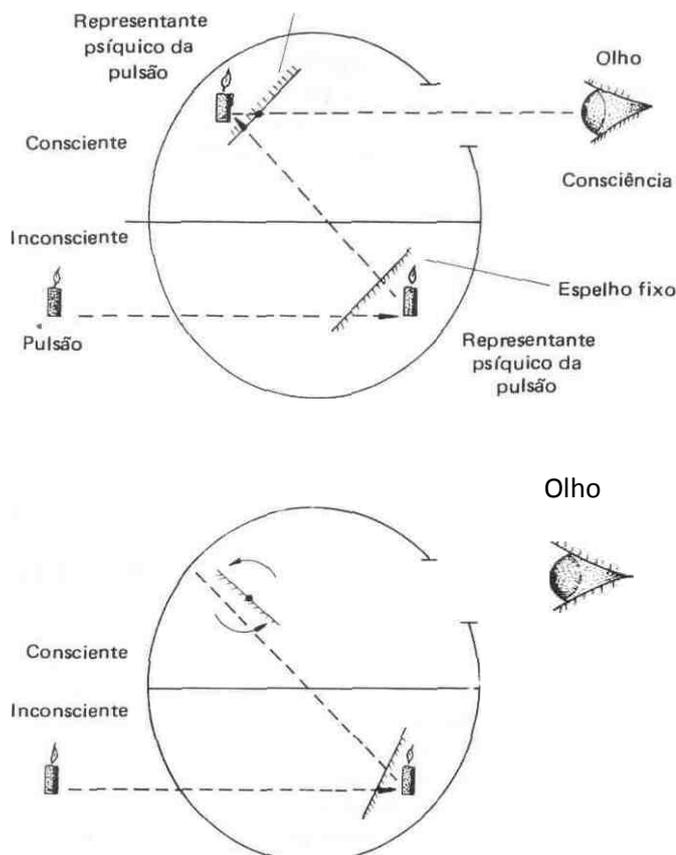


FIGURA 4 - Esquemas do inconsciente.  
Fonte: REIS, 1984, p. 14

No primeiro esquema observa-se que aquilo que é de interesse para a psicanálise não é a pulsão em si, que é um conceito essencialmente de caráter biológico, mas seu efeito no aparelho psíquico denominado de "representante psíquico da pulsão". O representante psíquico da pulsão presente no inconsciente pode também apresentar-se no consciente e vir, então, a ser observado, notado, pela consciência (olho). Chamamos, sobretudo, atenção para a localização simultânea do representante psíquico

da pulsão no inconsciente e no consciente. O segundo esquema ilustra, parcialmente, o mecanismo do recalçamento. O representante psíquico não se apresenta mais no consciente, figurando apenas no inconsciente (REIS, 1984 p.14).

Quando, pois a pulsão é percebida como desprazerosa ela é reprimida, ficando inconsciente ao indivíduo, porém ativa.

### 3.1.1.2 O consciente.

Este “território” ou sistema é constituído de dois subsistemas: o consciente propriamente dito e o pré-consciente.

Este subsistema é constituído pela percepção/consciência. E pode ser entendido como a extremidade P do aparelho psíquico, que é receptora das excitações, vinda tanto do exterior quanto do interior do indivíduo. Entre o consciente e o pré-consciente existe uma censura funcional, que seleciona os elementos que passarão do pré-consciente ao consciente.

#### 3.1.1.2.1 O pré-consciente.

É o subsistema que está em contato com o limiar do inconsciente. Entre o pré-consciente e o inconsciente existe uma barreira que, impede, ou recalca conteúdos que não podem aflorar no consciente. Reis (1984) escreve que o pré-consciente é como se fosse uma sala de espera, onde ficam as idéias, esperando serem levadas ao consciente. Neste subsistema não existe a busca do prazer, como no inconsciente, o seu funcionamento é baseado no princípio da realidade. E nele, também, é exercido o controle da motilidade, do pensamento, da atenção, da memória e do raciocínio. E diferentemente do inconsciente, o pré-consciente funciona tendo como seus referenciais, o tempo e o espaço.

### 3.1.2 Segunda tópica.

Ainda segundo Reis (1984), Freud percebeu que este modelo constituído de inconsciente, pré-consciente e consciente, não dava conta de explicar toda a dinâmica da personalidade humana, por isto ele criou outro modelo com três outras

estâncias: Ego, Id e Superego, porém, não abandonou o modelo primevo. Escreve também que Freud ao criar a segunda tópica não abandonou a primeira. A segunda tópica é constituída por: Ego, Id e Superego.

### 3.1.2.1 **Ego.**

Reis (1984), diz que esta estância da personalidade, segundo Freud, não é inata, mas se desenvolve no contato do Id com a realidade. O Ego é a estância que recepciona as excitações tanto externa quanto interna ao indivíduo. Neste processo surge o que chamamos de consciência. O Ego tem a responsabilidade de diferenciar o que seja realidade externa e interna, bem como administrar os impulsos oriundos do Id.

O Ego, através do pensamento, que se interpõe entre o impulso e a ação; controla o princípio do prazer. O Ego obtém a energia necessária para realizar esta tarefa, do próprio id. Ele faz isto se identificando com o objeto de desejo libidinal, trazendo para si a libido do Id.

Para enfrentar os ataques do Id e do Superego, o Ego se utiliza dos mecanismos de defesas que são: Recalcamento, Repressão, Regressão, Formação reativa, Sublimação, Isolamento, Anulação retroativa, Denegação, Projeção, Introjeção, Volta contra si e Inversão de impulso.

### 3.1.2.2 **Id.**

O mesmo autor, citando Freud, escreve que esta estância da personalidade, diferentemente do Ego que tem parte no inconsciente e parte no consciente, está totalmente imersa no inconsciente.

O Id possui as seguintes características: Nele não existe o princípio da contradição, sentimentos antagônicos coexistem lado a lado. O Id procura descarregar a libido, e não está sujeito ao tempo, seus registros dos processos mentais não se alteram com o passar do tempo.

### 3.1.2.3 **Superego.**

Freud, segundo Reis (1984), entende que esta estância da personalidade se forma durante o período de declínio do complexo de Édipo, onde ocorre a interiorização do modelo dos pais. Tornando-se um núcleo crítico

### 3.2 **Melanie Klein.**

Segundo Segal (1975), Klein procurou conhecer como se dá o desenvolvimento primário da criança; através da técnica do brincar, descobriu que ao brincar a criança representa de forma simbólica as suas ansiedades, fantasias e os conflitos inconscientes.

Ao fazer as observações, Klein percebeu fenômenos que foram descritos por Freud em sua teoria, como também outros fenômenos não abarcados pela teoria freudiana.

Segal (1975) ao escrever sobre Freud, diz que ele pensava que o complexo de Édipo tinha seu início por volta dos três a quatro anos de idade da criança; já Klein percebeu em crianças na faixa etária de dois anos e meio, manifestações de fantasias e ansiedades, próprias do complexo de Édipo, bem desenvolvidas, fazendo inferir que já tinham uma construção anterior a esta faixa etária.

A mesma autora diz que em crianças de faixa etária acima do dois anos e meio, tanto as tendências pré-genitais como as genitais puderam ser percebidas influenciando de forma decisiva no complexo de Édipo. Klein observou que as relações de objeto da criança têm origem em objetos parciais, desenvolvendo-se até chegar aos objetos totais; exemplo: ela, criança, se relaciona primeiro com os objetos parciais; o seio da mãe e o pênis do pai, até chegar à relação plena com a pessoa do pai e da mãe. Neste processo a fantasia tem um papel de suma importância, sendo assim; quanto mais nova a criança maior o poder destas fantasias sobre ela.

Segal (1975) menciona que Klein afirmava que o conflito entre a libido e a agressividade, que existe nos adultos, é encontrado de forma potencializada nos estádios primitivos do desenvolvimento da criança, e que as defesas: negação, divisão, introjeção e projeção são erguidas contra a agressividade e a ansiedade, que é produto da ação da agressividade. Esta ansiedade faz com que as crianças

menores cindem seus objetos e sentimentos em bons e maus, procurando reter os bons e expelir os maus, construindo um complexo mundo interno.

Segal (1975) diz que na teoria freudiana o superego aparecia bem mais tarde, enquanto na teoria de Klein ele surge bem cedo na história de vida da criança bem como precede o complexo de Édipo e promove o desenvolvimento dele.

O aspecto persecutório e sádico do superego origina-se na fase oral-sádica da criança, quando esta incorpora ,ao atacar o seio materno, este objeto tanto como destrutivo como destruído. O ego ideal é introjetado, pelo objeto seio, como sendo um seio amado e amoroso.

No relacionamento angustiante e frustrante com o seio, a criança estende suas fantasias e desejos à totalidade do corpo da mãe, fantasiado como reduto de riquezas, entre elas novos bebes e o pênis paterno. Neste processo a criança tem sentimentos ambivalentes tais como: desejos libidinais de um lado e do outro; frustração, inveja e ódio., tanto em relação à mãe quanto em relação aos objetos, fantasiados, contidos no interior da mãe

A relação, inconsciente, ansiosa e fantasiosa da criança com o mundo externo tem seu processo originado na relação da criança com o corpo da mãe; esta relação com o corpo da mãe, também tem a função no desenvolvimento da criança, de criar o simbolismo.

A ambivalência da criança irá num crescendo, até atingir o auge, onde ela fantasia o corpo da mãe e os objetos internos nele, tornando-os objeto de sua ansiedade, que a leva mudar o interesse do corpo da mãe para o mundo externo. Se a ansiedade ultrapassar limites suportáveis o processo de simbolização fica prejudicado, podendo a criança perder o interesse pelo mundo externo. A percepção da existência dos objetos, pai e mãe; faz com que a criança não mais veja o pai incorporado na mãe, mas sim numa relação sexual.

O casal de pais é percebido pela criança como algo amedrontador, gerador de ciúmes e raiva. A criança se relaciona com estes sentimentos fantasiando um ataque pessoal aos pais ou de outra forma, fantasiando o ataque do pai à mãe ou vice versa. A cisão entre pais internos, maus, e pais externos, bons, gera na criança ansiedades, e quanto maior for o sadismo envolvido nestas ansiedades em relação aos pais, mais ela tentará introjetar os pais bons e expelir os pais maus.

Entretanto, segundo Segal (1975), para Klein a criança tanto introjeta os pais bons como os pais maus e também apresenta conflitos; tais como: procurar segurança objetivamente na mãe, como também sentimentos libidinais e agressivos, e um desejo de reparar o mal causado a mãe em sua fantasia.

Quanto ao pai: a criança procura a segurança no pai real e seu pênis, contra o pai mau e seu pênis mau introjetado pela sua fantasia. Estas pressões internas levam a criança à relação do complexo de Édipo com os seus pais, e estas ansiedades conduzem a criança à modificação de sua posição anal-sádico para uma posição menos sádica que é a posição genital.

### **3.2.1 A posição Esquizo - Paranóide.**

Segal (1975) diz que para Klein, o bebê, ao nascer, possui um ego capaz de experimentar eventos ansiosos e de se utilizar de mecanismos de defesa e através da fantasia e da realidade formar relações objetais, primitivas. O ego, nesta fase do desenvolvimento, é bastante desorganizado, comparado ao ego de um adulto, ou mesmo de crianças mais velhas.

Ainda segundo Segal (1975) em sua leitura de Klein, entende que o ego imaturo da criança ao ser exposto a ansiedade originada pela dicotomia inata dos instintos, de vida e de morte, se divide; partes do ego, continentes do instinto de morte, são projetadas no objeto externo, o seio mau. O seio mau é visto, pelo ego, como sendo repartido em inúmeros pedaços que são sentidos como persecutórios. Partes do instinto de morte permanecem no eu e se convertem em agressividade em relação ao seio mau. Partes do ego, continentes da libido, também são projetadas no objeto exterior, ideal, o seio bom. Este seio bom irá satisfazer a necessidade do ego pela preservação da vida. Partes da libido permanecem no eu e são utilizadas na relação libidinal com o seio bom.

Portanto para Klein, segundo Segal (1975) o ego desde o início da vida do bebê se relaciona com dois objetos o seio bom e o seio mau. As experiências amorosas e de cuidados com a mãe real, funde-se com a fantasia do objeto ideal, o seio bom. Por outro lado, as experiências de privação e sofrimentos com a mãe real são fundidas com a fantasia dos objetos persecutórios.

De acordo com o que Segal (1975) diz, o entendimento de Klein é que: para o ego imaturo a gratificação é, não apenas um preenchimento das necessidades amorosas ou nutricionais, mas também uma proteção contra os elementos persecutórios projetados no seio mau; já a privação é entendida, pelo ego, não apenas como uma ingratidão, mas também como uma ameaça de morte pelos elementos persecutórios. E baseando-se nestas características de ansiedade e das relações objetais, Klein denominou esta fase de Esquizo – Paranóide.

### **3.2.2 A posição depressiva.**

Ao descrever o que entende ser a Posição Depressiva, para a teoria kleiniana, Segal (1975) diz que em condições que proporcionam um desenvolvimento “normal” do bebê, este se sentirá num processo de fortalecimento de seus impulsos libidinais e do ego em relação aos objetos maus e aos impulsos maus.

O sentimento de que o ego se encontra fortalecido nesta relação, faz o bebê temer menos. A diminuição da projeção dos impulsos maus minimiza também a capacidade, fantasiada pelo bebê, do objeto mau em destruir. Com isto ocorre o aumento na capacidade do ego em lidar com o instinto interno de morte e também com as paranóias. Este processo possibilita, ao bebê, a diminuição tanto da divisão do ego, quanto da projeção, com uma conseqüente predominância no movimento integrador do ego e do objeto. Sendo, pois a definição da Posição Depressiva: uma fase na qual o bebê não se relaciona com partes de sua mãe, mas com a pessoa total.

Este reconhecimento envolve muitas experiências tais como a integralização do ego, bem como o perceber a mãe como alguém separado dele, bebê, e que se relaciona com outras pessoas. Este processo é corroborado com a maturação do sistema nervoso central.

### **3.2.3 Simbolização.**

Segundo Pondé (2007) Klein afirma que a simbolização é essencial para a expressividade humana, para criatividade e para a sublimação. O processo de

simbolização é de fundamental importância para a o surgimento do pensamento verbal, da linguagem, bem como de todas as manifestações artísticas e científicas.

De acordo com Pondé (2007) Klein concluiu que a simbolização está relacionada a todas as atividades do indivíduo, ela se utilizou da idéia de Ferenczi de que a identificação com objetos, incluindo o próprio corpo, e o funcionamento dele, possibilita o indivíduo se interessar por coisas e processos do mundo externo. E que esta capacidade de simbolização motiva o indivíduo a certas atividades e inibe a outras.

### **3.3 Bion.**

Segundo Zimermam (2004) a formação psicanalítica de Bion foi influenciada, principalmente, por Melanie Klein, bem como por outros pensadores, entre os quais podemos citar Freud, Kant, Shakespeare e Hume. E que percebemos, em Bion, muitos dos conceitos kleinianos, tais como, primitivos mecanismos de defesa do ego, que por vezes se utiliza das identificações projetivas, as posições esquizoparanóide e a depressiva, formação do pensamento, do conhecimento, dos vínculos e da simbolização.

#### **3.3.1 O pensamento.**

Bion, segundo Zimerman (2004), ao interpretar a teoria kleiniana das identificações projetivas e da passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva, diz que existe um sincronismo e interação destas etapas durante toda a vida do indivíduo. E que a teoria do pensamento tem sua origem nas frustrações das necessidades básicas impostas à criança. Sendo, contudo, de fundamental importância o nível de tolerância do ego da criança em suportar o ódio gerado nestas frustrações. Zimerman (2004) diz que Bion ao analisar os elementos do pensamento, distingue em: Alfa ( $\alpha$ ) e Beta ( $\beta$ ), e faz diferenciação entre o pensamento e a função de pensar; sendo, pois o pensar forçado pelos elementos dos pensamentos.

Zimerman (2004) diz ainda que Bion dividiu o psiquismo em duas partes: não-simbólica e simbólica; a primeira parte ele a denominou de protomental ou psicótica e a segunda de mental ou não-psicótica.

Outro conceito teórico de Bion, demonstrado por Zimerman (2004) é o das realizações. Este conceito se refere às experiências emocionais denominadas, por Bion, de realizações positivas e realizações negativas; oriundas de frustrações da onipotência do recém nascido, no contato com o mundo real. Nas realizações positivas o bebê tem a experiência com o objeto real e necessário a ele; já na realização negativa, o objeto não se faz presente e o bebê não tem sua necessidade suprida, e ele vivencia esta ausência como uma característica malévola do objeto internalizado. Quando o bebê possui capacidade, inata, para suportar a ausência do objeto, esta experiência possibilita o surgimento do protopensamento e conseqüentemente o aparelho psíquico se desenvolve para pensá-lo. Caso o bebê tenha uma menor capacidade de suportar as frustrações, ele sentiria a necessidade de expulsar este objeto mau, internalizado, através do mecanismo de identificação projetiva e da hipertrofia da onipotência.

Zimerman (2004) escreve que as experiências negativas, para Bion, são necessárias à vida humana e possibilitam o surgimento de dois tipos de desenvolvimento: um, no qual ocorre a integralização das sensações biológicas com as emoções, resultando numa sadia formação do pensamento, através da função ou elementos  $\alpha$ ; isto acontece quando o bebê tem a capacidade de não deixar o ódio exceder os seus limites egóicos. Quando o bebê não é capaz de suportar as frustrações, devido a sua incapacidade egóica, ao invés de resultarem no surgimento da função  $\alpha$ ; resultam na presença da função ou elementos  $\beta$ , impossíveis de serem pensados. Esta função ou elementos  $\beta$  são sensações biológicas e emocionais não integralizadas e sentidas como coisas em si.

Bion, segundo Zimerman (2004), diz que a capacidade que o bebê tem para suportar as frustrações, está relacionada, não apenas a sua própria capacidade de suportar, mas também à capacidade materna de continência destas frustrações bem como de elaborá-las e retornar ao bebê de modo que ele internalize, este processo é denominado, por Bion, de continente - contido.

Zimerman (2004) escreve que Bion entendia o processo continente – contido e a passagem da posição esquizo-paranoide para a depressiva, teoria kleiniana, e

vice versa, como essencial na formação do pensamento bem como na utilização do mesmo. Assim o ser humano necessita da capacidade de suportar as frustrações e as depressões, para a formação do pensamento. Quando a passagem entre estas duas posições é realizada de forma exitosa, os pensamentos vão sendo modificados desde o processo onírico, passando pelas pré-concepções, concepções, conceitos, sistema dedutivo científico até a mais alta abstração. Este processo possibilita, também, a formação de símbolos, o que capacita o ser humano a generalizar, abstrair e criar.

### **3.3.2 O conhecimento.**

Bion, segundo Zimerman (2004), escreveu que o conhecimento assim como o pensamento, tem suas origens, de princípio, nas frustrações e baseando-se na teoria kleiniana estruturou a gênese a normalidade e a patologia do conhecimento se utilizando dos seguintes conceitos: Origem do conhecimento, Vínculos K e -K, Formação de símbolos, Natureza e Utilização do conhecimento, Mitos, Patologia do conhecimento (-K) e Situação psicanalítica.

#### **3.3.2.1 Origem do conhecimento.**

De acordo com Zimerman (2004) diz que Bion entendia a Origem do conhecimento em relação às frustrações da criança, quando do acontecimento delas, a criança cria mecanismos de fuga, com isto não enfrenta a frustração e nem soluciona o problema, tendo por isto dificuldades para o aprendizado de como lidar com a realidade, bem como para pensar e conhecer, mas a angústia sentida, nas frustrações, permanece.

Este não querer conhecer leva a criança a criar estruturas de origem esquizoparanóide, onde ela ama objetos proibidos e odeia os amados, necessita de ajuda, mas a rejeita, sente que precisa de limites, mas os desrespeita.

Zimerman (2004) escreve que acordo com Bion, para que o desenvolvimento cognitivo seja bem sucedido, é necessário: uma mãe que seja continente às frustrações da criança; que a criança tenha capacidade de simbolização e deseje o

conhecimento. Na relação destas três variáveis podem surgir três possibilidades: a formação de vínculo K; a formação de vínculo –K ou a formação de vínculo não K.

### 3.3.3 Vínculos.

Zimerman (2004) define o conceito vínculo como sendo uma experiência vivenciada por duas pessoas ou mesmo partes destas. Nesta experiência o sujeito busca o conhecimento. E escreve, sobre a percepção de Bion da necessidade da existência de outro tipo de vínculo emocional, o desejo da compreensão da criança, por parte da mãe (K de *knowledge*), além dos vínculos do Amor (L de *love*) e de ódio (H de *hate*).

A formação do vínculo K é construída na relação mãe bebê, quando esta mãe tem capacidade de acolher as ansiedades do bebê e devolvê-las, de modo facilitar à possível introjeção, por ele; este processo possibilita a aprendizagem, do bebê, no enfrentamento dos desafios vindouros. Caso este processo ocorra sem a necessária continência, por parte da mãe, das ansiedades do infante, e conseqüente dificuldade para a internalização pelo mesmo, não se dará a formação do vínculo K, mas sim o vínculo maligno –K.

O retorno ao infante, das ansiedades não acolhidas pela mãe gerará, o que Bion denominou de “terror sem nome,” originador de maior angustia e ódio, uma percepção de uma mãe ruim despojadora invejosa de seus bens valiosos. Em casos de extrema gravidade, o infante lançara mão cada vez mais das identificações projetivas, que tornarão o ego deficiente em sua capacidade de: perceber, pensar e conhecer. O não desenvolvimento do vínculo K possibilita o surgimento dos sentimentos egóicos de onipotência, onisciência, curiosidade sádica, estupidez e um ‘super’ superego (ZIMERMAN, 2004).

### 3.3.4 Formação de símbolos.

A formação de símbolos é essencial para que o infante desenvolva sua capacidade de abstração, conceituação possibilitando o aumento de sua capacidade de pensar e conhecer. Bion diz que a capacidade de simbolização do infante está relacionada à capacidade egóica do indivíduo suportar perdas e danos. E esta

capacidade de suportar estas perdas e danos, depende de como aconteceu à passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva, de acordo com a teoria kleiniana.

Se esta passagem não foi realizada, dentro da “normalidade” acarretara uma intolerância, por parte do indivíduo, às perdas com isto não simboliza, tomando o simbolizado em lugar do símbolo. Bion diferenciou-se de Klein quanto o processo da passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva, Klein pensava esta passagem como ocorrendo apenas uma vez e de forma linear, enquanto Bion pensava esta passagem ocorrendo num movimento de ida e vinda, entre as duas posições, isto de forma ininterrupta (ZIMERMAN, 2004).

#### 4. CONTEXTUALIZAÇÃO

Tendo como base as teorias de Freud, Klein e Bion, conclui-se que o Ego tem sua formação estruturada numa relação dialética de duas importantes variáveis, no início da vida do infante; a primeira, o indivíduo e suas inatas capacidades, psíquica e biológica a outra a presença materna.

Através da pesquisa feita por Segal (1975) sobre a teoria kleiniana, podemos entender que o infante, no início de sua vida, possui um Ego, embora ainda incipiente e desestruturado, esta condição o leva a fantasiar, sendo muitas destas fantasias, persecutórias, o que denota a presença da posição Esquizoparanóide.

Klein (1970) diz que o infante é impulsionado a satisfazer sua curiosidade penetrando no objeto, visando à apropriação dos conteúdos, internos, do corpo da mãe.

Ainda segundo a autora o infante ao passar da posição Esquizo-paranóide para a Posição Depressiva, adquire a capacidade de separar o objeto interno do externo e de simbolizar. Ela diz que ao simbolizar, o infante desloca a libido para outros objetos e atividades prazerosas. Porém, se houver uma repressão intensa, esta passagem não ocorre e os objetos reais continuam sendo imagens dos objetos internos e persecutórios levando o Ego a desistir das operações intelectuais.

Também pensamos que a teoria de Klein, citada por Segal (1975), sobre o seio bom e seio mau, pode explicar a dificuldade de aprendizagem da criança na escola. Faremos um paralelo entre a relação da criança com a mãe e o com o educador.

A criança inveja sua mãe pelo fato dela ter o leite que a alimenta. A criança quer ter o leite, pois não necessitaria da mãe quando tivesse fome, teria ela mesma seu alimento. A criança também ama e odeia a mãe; ama pelo fato dela suprir suas necessidades e odeia porque ela por vezes a deixa sofrer, quando demora trazer-lhe o seio. Mas como a mãe não pode ser odiada, a criança cinde seus sentimentos, e desloca o sentimento de ódio para outro objeto.

O educador pode ocupar este lugar do objeto odiado, enquanto a mãe é amada, pois ele tem o conhecimento que a criança necessita e possivelmente ele ocupe o lugar do seio mau.

Bion (1966) diz que as ansiedades e fantasias vivenciadas pelo infante, no início da vida, são projetadas em sua mãe. Na presença de uma mãe incapaz de acolher estas ansiedades e torná-las menos angustiante ao bebe, ele sentir-se-á incapaz, pois não conseguiu dar cabo dos sentimentos ansiosos. O que pode levá-lo a um sentimento de baixa estima e dificuldades no enfrentamento de sentimentos angustiantes. A partir do momento no qual o infante já percebe a presença e existência do outro, a *reverie* materna continua sendo de fundamental importância no processo de estruturação egóica do indivíduo. Pois na ausência desta *reverie* materna o infante pode vir a criar a pantalha  $\beta$ , quando das realizações negativas; estes elementos  $\beta$  não se prestam para serem pensados, mas sim evacuados, o que dificulta ao infante a formação de pensamentos e por conseqüência, impossibilita a simbolização e a obtenção do conhecimento. Isto é uma característica da posição esquizoparanóide, onde há cisão entre objetos bons e maus.

Bion (1966) diz ainda que: se a mãe, no início da vida do infante, não for continente às ansiedades deste, poderá ocasionar um sentimento de baixa estima no indivíduo e isto dificultará a sua aprendizagem. O não aprender pode estar relacionado à utilização de mecanismos de defesas, com a finalidade de evitar o sofrimento ao se defrontar com a sua incapacidade de solucionar problemas.

Se a continência materna não se fizer presente quando da passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva, o indivíduo poderá desenvolver dificuldades na relação com o outro. Estas dificuldades podem se apresentar na recusa, inconsciente, de introjetar aquilo que vem do professor, pelo fato dele não conseguir abstrair, pois a pantalha  $\beta$  impossibilita a função do pensar, logo impedindo o indivíduo obter conhecimento.

Na teoria freudiana, temos os traços mnêmicos, que são formados em nossa fase de desenvolvimento e fazem parte de nossa personalidade. Assim, todos os processos descritos tanto por Klein quanto por Bion são armazenados no que Freud denomina de sistemas S e quando na fase adulta, tendo sido recalçados ficam inconscientes ao indivíduo, porém ativos (REIS, 1984).

Freud (1996) em “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental” diz que:

Na psicologia que se baseia na psicanálise, acostumamo-nos a tomar como ponto de partida os processos mentais inconscientes, com cujas peculiaridades nos tornamos familiarizados através da análise. Consideramos que são os processos mais antigos, primários, resíduos de

uma fase de desenvolvimento em que eram o único tipo de processo mental. O propósito dominante obedecido por estes processos primários é fácil de reconhecer; ele é descrito como o princípio de prazer-desprazer [*Lust-Unlust*], ou, mais sucintamente, princípio de prazer. Estes processos esforçam-se por alcançar prazer; a atividade psíquica afasta-se de qualquer evento que possa despertar desprazer (FREUD, 1996 p. 237, 238, grifo do autor).

Ainda mais:

A significação crescente da realidade externa elevou também a importância dos órgãos sensoriais, que se acham dirigidos para esse mundo externo, e da *consciência* a eles ligada. A consciência aprendeu então a abranger qualidades sensórias, em acréscimo às qualidades de prazer e desprazer que até então lhe haviam exclusivamente interessado. Institui-se uma função especial, que tinha de periodicamente pesquisar o mundo externo, a fim de que seus dados já pudessem ser conhecidos se uma urgente necessidade interna surgisse: a função da atenção. Sua atividade vai encontrar as impressões sensórias a meio caminho, ao invés de esperar por seu aparecimento. Ao mesmo tempo, provavelmente, foi introduzido um sistema de *notação*, cuja tarefa era assentar os resultados desta atividade periódica da consciência — uma parte do que chamamos *memória*. (FREUD, 1996, p.239, grifo do autor).

Podemos entender através da leitura deste fragmento de texto, que o funcionamento do aparelho mental vai na direção de evitar o desprazer.

E como tanto o prazer, quanto o desprazer, são sentidos pelos órgãos perceptivos, os mesmos passam a ser relacionados, pela consciência, com os sentimentos de prazer e desprazer.

E a criança ao cindir seus sentimentos em amor e ódio, poderá apresentar dificuldades no processo de aprendizagem, pelo fato de colocar no objeto, representado pelo educador, a figura materna e também não conseguir internalizar o que é dito ou escrito pelo educador devido à relação, feita inconscientemente, dos órgãos perceptivos com o desprazer gerado na relação angustiante com a mãe. Inconscientemente a criança bloqueia a aprendizagem.

Outrossim, como os estímulos, tanto os externos quanto os internos, percorrem o inconsciente antes de serem objetivados na realidade, e são através do sistema de notação, registrados nos sistemas S e periodicamente atualizados pela função da atenção que segundo Freud (1996) “vai encontrar as impressões sensórias a meio caminho, ao invés de esperar por seu aparecimento.”

Isto nos leva a pensar na possibilidade de a criança ao se deparar com a angústia da aprendizagem regredir e encontrar na notação, os registros do seio mau internalizado e projetar no educador, através da atenção, agora não apenas indo até

o meio do caminho,mas indo até ao educador que seria uma tela onde é projetada a imagem internalizada do seio mau. Isto é realizado através do órgão no qual a consciência significou a realidade.

Freud (1996) escreveu sobre a possibilidade de um indivíduo não conseguir ler ou ouvir algo que esteja diante de seus olhos e dentro de seu campo auditivo, sem, contudo ter como causa, uma deficiência orgânica.

    Ou uma pessoa pode ler algo, seja impresso ou manuscrito, diferentemente do que na realidade está diante de seus olhos (*um lapso de leitura [Verlesen]*), ou ouvir errado algo que lhe foi dito (*um lapso de audição [Verhören]*) — na hipótese, naturalmente, de não haver qualquer perturbação orgânica de sua capacidade auditiva (FREUD, 1996, p.239).

Podemos entender através da leitura deste fragmento de texto que, inconscientemente, o indivíduo pode não enxergar o que está colocado diante de si ou mesmo não ouvir o que lhe esta sendo falado sem, contudo ter nenhuma patologia nos órgãos perceptivos.

## 5 (IN) CONCLUSÃO

Como neste trabalho procurou-se estabelecer uma relação entre a personalidade do indivíduo e sua capacidade para soluções de problemas, tendo como base os pressupostos psicanalíticos de Freud, Klein e de *Bion*. E sabendo que sempre é difícil falar em conclusão, na visão psicanalítica, podemos entender que a incapacidade ou a capacidade “intelectual” do indivíduo em lidar com objetos internos e externos, pode ter sua etiologia na relação deste com o meio no qual vive, isto inclui a sua capacidade psíquica de suportar as ansiedades e as perdas e inclui também a continência dada pela mãe, a estas ansiedades. O prejuízo intelectual do indivíduo derivaria, pois, da presença de um ego fragilizado construído na relação mãe/bebê, principalmente, no início da vida.

Pode-se pensar na possibilidade de a dificuldade do educando no processo de aprendizagem estar relacionada:

- As suas inatas capacidades psíquicas do indivíduo.
- A passagem da posição Esquizoparanóide para a posição Depressiva.
- A relação seio bom seio mau.
- A reverie materna.

Não pensamos esta possibilidade, a dificuldade de pensar e solucionar problemas, apenas no âmbito da debilidade, mas em todos os casos nos quais não se encontrem disfunções orgânicas.

## 6 REFERÊNCIAS

- BION, W.R. **Os elementos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- BUTCHER. H.J. **A inteligência humana**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- CAMPOS, F.S; WINOGRAD, M. **Psicanálise e neurociência: um passo em direção à clínica**. Rio de Janeiro: PUC RJ. 2005. Disponível em: <[http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Flavia\\_Sollero\\_de\\_Campos\\_e\\_Monah\\_Winograd.pdf](http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Flavia_Sollero_de_Campos_e_Monah_Winograd.pdf) >. Acesso em: 07 set. 2009
- DA SILVA, J.A. **Inteligência humana**. São Paulo: Lovise, 2003. 247 p.
- DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia E Semiologia Dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In; \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: v.12, Imago, 1996.p. 237-244.
- GAMA. M.C.S. S, **A Teoria das Inteligências Múltiplas e suas implicações para Educação**. 1998. Disponível em: <http://www.homemdemello.com.br/psicologia/intelmult.html> Acesso em 10 fev. 2009.
- KLEIN. M **O papel da escola no desenvolvimento libidinal infantil**. Rio de Janeiro. Mestre Jou, 1970.
- MUELLER, F. L. **História da psicologia: da antiguidade a Bérqson**. 2 ed. Portugal: Publicações Europa-América, 2001. 369 p.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL da SAÚDE. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. Porto Alegre: Artmed, 2007, p.220-226.
- PINTO, F.E.M. **Os (des) afetos da inteligência... o possível diálogo entre cognição e afetividade**. Publicatio, Ponta Grossa, v.13, n. 1, p. 4-15, 2005. Disponível em: [http://www.uepg.br/propep/publicatio/hum/2005\\_1/01.pdf](http://www.uepg.br/propep/publicatio/hum/2005_1/01.pdf) Acesso em: 26 /jan. / 2009.
- PONDÉ, C.R.F.A. **Os precursores intersubjetivos do símbolo no processo de constituição subjetiva**. 2007. 92f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2007.
- PRIMEIRO CORÍNTIOS. **Bíblia de estudo pentecostal**. E.U.A: CPAD, 1998. Capítulo 8 versículo 2, p.1747.
- REIS, A.O.A. Teorias da personalidade em Sigmund Freud. In: RAPPAPORT, C.R. (Coord.) Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung. São Paulo: E.P. U, 1984.v.7 p. 3-41.

ROAZZI, A.; SOUZA, B. C. **Repensando a inteligência**. Paidéia, Ribeirão Preto, v.12, n. 23, p.31-55, 2002. Disponível em: <http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/23/03.doc> Acesso em: 26 / jan. /2009.

SANCHES, D.R. Clínica psicanalítica: a debilidade em questão. 2008. 119f. Dissertação (Mestrado em Psicologia clinica) Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SEGAL; H. A Obra Inicial de Melanie Klein: In ----- **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro. Imago Editora. 1975. pg. 12-21.

SORDI, Regina Orgler. A constituição da inteligência: uma abordagem psicanalítica. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, dez. 2005 . Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a07v18n3.pdf> Acesso em: 20 Ago. 2009.

ZIMERMAN, D.E. **Bion da teoria à prática**: uma leitura didática. 2. ed. Porto Alegre: Artemed, 2004. p. 66-74,129-137, 157-164.